Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

Por uma sociologia (crítica) da Educação a Distância: algumas indicações

Alexandre Marinho Pimenta, UNB

alexmpsin@hotmail.com

Resumo: *A educação a distância baseada em ambientes virtuais emerge num contexto de massificação dos sistemas educacionais contemporâneos, de crise do pensamento crítico e radical, e do advento da chamada sociedade da informação. Esse artigo busca refletir o desafio de reconstruir uma sociologia crítica da educação que abarque essa nova modalidade educacional. Através de uma revisão e análise de literatura apenas inicial, com destaque para Derouet, Wolton e Mattelard, esboçamos um marco teórico, que é complementado por uma problematização do cenário da educação a distância em nosso país. Conclui-se a necessidade de uma análise interdisciplinar da educação a distância e a importância de não se fetichizar a presencialidade ou a virtualidade em si como elementos de transformação educacional.*

Palavras-chaves: *Sociologia da educação; Crítica; Educação a distância; Sociedade da informação.*

Abstract: *The e-learning emerge in a context of educational systems expansion, of crisis of critical and radical thought, and the advent of so-called information society. This article seeks to reflect the challenge of rebuilding a critical sociology of education that embraces this new educational modality. Through a review literature only initial, especially Derouet, Wolton and Mattelard, we build a theoretical framework that is complemented with a questioning of the distance education scenario in our country. It is concluded the need for an interdisciplinary analysis of distance education and the importance of not fetishize nor presentiality or virtuality as instruments of educational transformation.*

Keywords: *Sociology of education; Criticism; Distance education; Information society.*

1. Introdução

Esse artigo busca realizar uma reflexão no âmbito da sociologia da educação, enfocando a emergência da realidade virtual online nas práticas e sistemas educacionais, as transformações quantitativas desses sistemas, e a crise na qual passa o pensamento

crítico e radical nessa disciplina[5]. Busca também contribuir, através de sua argumentação e propostas, para a superação dessa crise. Daí o "crítica" do título estar entre parênteses. Ela só pode aparecer como um devir, pela sua própria necessidade de reconstrução hoje - dada modificações importantes da realidade e do discurso educacional e seu espectro ideológico.

Tem-se total clareza das limitações desse esforço. A revisão e análise da literatura que serão expostas a frente não são nem de longe exaustiva ou robusta. A humilde estratégia é de coletar pistas dos caminhos a seguir (e identificar suas barreiras) em alguns autores contemporâneos que se debruçam sobre a realidade educacional e virtual - aqui e "lá fora", sobretudo de língua francesa -, a partir de um olhar de predominância sociológica.

A escolha da educação a distância, sobretudo presente nos ambientes virtuais online, vem de sua relevância e crescimento na contemporaneidade, assim como do peculiar status da literatura que versa sobre a mesma: nela, encontramos recorrentemente posturas muito díspares: ora, uma apologia pura, ora uma total desconsideração. A crítica ideológica que desenvolveremos aqui tenta trazer contornos mais realistas desse fenômeno e se afastar desse dualismo.

Fainholc (2009) chama a atenção para os poucos estudos sociológicos sobre a realidade da educação a distância online. A ausência de estudos que ressaltem os aspectos institucionais e socioculturais (a conhecida relação "educação e sociedade"), além da ausência dos aparatos analíticos já consolidados na sociologia, enfraquece o conhecimento sobre a educação a distância e abre espaço para saberes superficiais e danosos. Daí a necessidade da construção de uma "sociologia da educação a distância", zona que, como indicaremos, necessitaria de uma significativa interdisciplinariedade.

Num primeiro momento abordaremos a questão da sociologia da educação, sua vertente crítica, e sua crise. Depois, contextualizaremos a emergência da assim chamada sociedade da informação, focando em sua esfera ideológica, para, enfim, entrelaçar essas duas análises na EaD baseada em ambientes virtuais online. Antes das considerações finais, traremos uma problematização da realidade brasileira sobre a EaD que de certa forma ilustra e complementa o que tratamos de forma mais abstrata nas partes anteriores. Nas considerações finais, após o esforço de desmistificação do recorte da realidade escolhida, traremos indicações de possíveis abordagens, problemas e potencialidades de uma sociologia crítica da educação a distância, num esforço de tratar esse objeto de forma mais realista e problematizada.

[5] Ao nos referirmos à "sociologia da educação", qualquer que seja ela, no Brasil, é importante ressaltar um aspecto que não desenvolveremos nesse artigo: a disputa disciplinar e institucional entre os campos da educação e da sociologia. Martins (2002; 2003) comenta a migração, na década de 1970, da pesquisa "sociológica" sobre a educação para os programas e faculdades de educação. Mas também destaca a retomada da educação como objeto das ciências sociais, notadamente a sociologia nas últimas décadas. Destaca nesse sentido o papel do GT da ANPOCS "Educação e Sociedade". Mas vamos além, e arriscamos dizer que esse objeto ainda continua a ser pouco trabalhado nessas ciências em nosso país, como também, apresenta consolidação em várias faculdades e programas de pesquisa em educação, e em alguns pontos, rivaliza-se com as ciências sociais institucionalizadas. Em recente livro, Hey (2008) analisa o campo de produção acadêmica sobre a educação superior no Brasil através de uma abordagem bourdiesiana, e constata um "alto-clero", formado por membros das ciências sociais, e uma posição dominada e contra-hegemônica no campo, ocupada sobretudo pela ANPED. Entre esses dois "universos" se encontram claras hierarquias e por vezes fortes oposições.

Quais seriam os caminhos e armadilhas para construir uma sociologia que se pretende crítica da educação a distância? Sob quais desmistificações e considerações devemos operar?

2. Sociologia da educação crítica e sua paradoxal crise

A sociologia da educação, enquanto disciplina, estritamente, não passa por uma crise: refinou a ampliou sua teoria, metodologia e casos empíricos nos últimos períodos. Aliás, apesar de muitas vezes parecer uma disciplina "tímida" no campo das ciências sociais, de certa forma ela "sempre esteve lá": só pensar no processo de entrada e consolidação acadêmica de Durkheim através das suas lições em disciplinas pedagógicas (Martins, 2002, p.440). Passa por crise sim determinadas correntes e quadros explicativos - comprometidos com intervenções radicais no modo de educação de tipo capitalista.

Essa sociologia crítica da educação se estrutura a partir de uma teoria do sistema educacional capitalista em seus aspectos e funções na produção e reprodução (conservação) desse modelo societal, dos níveis mais micros até os mais macros, dos mais simbólicos aos mais materiais, num contexto de correlação de forças entre as classes sociais (BOURIDEU, PASSARON, 2009). Ficou conhecida, desde os anos 1960, através das teorias da reprodução social, em oposição aos paradigmas integracionistas e meritocráticos da educação no capitalismo. Sem desmerecer importantes produções nos EUA, Inglaterra, América Latina etc., essas teorias da reprodução foram muito significativas na produção de língua francesa.

De uma forma paradoxal, a potência crítica dessas correntes foi desativada a partir de uma incorporação asséptica de seu repertório. O combate à reprodução das desigualdades e do fracasso escolar foi de certa forma institucionalizado globalmente. Como também o próprio sistema educacional se massificou, ganhando ares de sistema democratizado e transformador, inclusive através de mecanismos e discursos desse paradigma crítico. Portanto, há certo consenso do anacronismo do paradigma reprodutivista nesse novo cenário que ele próprio colaborou a produzir.

Derouet (2004) é um autor que se debruça bastante sobre essa temática. Seguindo as teses inovadoras de Boltanski e Chiapello[6], nota uma crise da crítica não só na sociologia da educação, "onde a sociologia se arrisca a tornar-se numa espécie de formalização e de legitimação do pensamento comum dos gestores." (DEROUET, 2004, p. 132-3), mas na sociedade capitalista atual como um todo.

Além dessa incorporação do ideário crítico, e da aproximação do linguajar técnico dos programas e políticas estatais/multilaterais, outro fator concomitante foi decisivo para a crise dessa corrente sociológica: a guinada à microssociologia na educação. A tentativa de abrir a caixa preta da reprodução escolar e focar nos aspectos individuais e micros deslocou a preocupação teórica-metodológica que antes focavam em dimensões e propostas estruturais, como por exemplo, a reprodução antagônica das classes sociais via, inclusive, a educação.

[6] Boltantski e Chiapello (2009, p. 515): a crise e reestruturação do capitalismo após a década de 70 abalou a crítica por também abalar os projetos societais alternativos e suas promessas de justiças. Vários elementos antes subversivos, como participação política, estética vanguardista etc. foram incorporadas ao novo espírito do capitalismo, sem com isso eliminar as injustiças e exploração. Caberia assim ir além do anacronismo e nostalgia e remontar a crítica buscando novos dispositivos de justiça.

ISSN 2318-4051

O duplo desafio, assim, seria renovar a teoria, não só incorporando as descobertas do nível micro e do novo cenário, mas também apontando as insuficiências do uso "oficial" de suas teses, encontrando novas contradições que o discurso hegemônico vela.

3. A assim chamada sociedade da informação e a nova educação a distância: fim dos muros?

O tema da sociedade da informação é vasto, inclusive a literatura crítica a essa noção. Esse conceito se remete diretamente à ampliação do fluxo/integração e da centralidade da informação e a consolidação do ciberespaço-cultura, assim como o barateamento de tecnologias e meios para tal, no final do milênio. Aqui se inserem as famosas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs); a reformulação de políticas estatais, multilaterais e incentivos empresariais e civis em prol desse "novo mundo". Historicamente, esse contexto é marcado o fim da guerra fria, a dominação capitalista do globo, a produção e mecanismos de investimento e especulação mais flexíveis - conjuntura predominante até o presente.

Utilizaremos basicamente dois autores, Mattelart (2006) e Wolton (2007), para nos aproximar desse cenário de uma forma mais realista e crítica.

Para o primeiro (2006, p. 145):

> Os discursos apologéticos sobre a sociedade da informação ziguezagueiam entre dois axiomas opostos: a entrada na nova era das mediações ou a saída dessa mesma era. A contradição implicada por esse jogo em dois tabuleiros é apenas aparente. Pois esse par argumentativo converge para atestar o fim dos grandes determinantes sociais e econômicos na construção de modelos de implantação das tecnologias digitais e suas redes. Há uma tendência onipresente de expurgar até mesmo a noção de poder. O primeiro axioma pressupõe que as medições são a tal ponto infinitas e convocam tal leque de atores, que o tecnossistema mundial atingiu tamanho nível de complexidade que se tornou acéfalo, e, portanto, nenhuma pessoa é responsável por ele. [...] O segundo axioma assume a tese da desintermediação em todos os azimutes.

As novas tecnologias e o ciberespaço-cultura inaugurariam, assim, um reino da velocidade, horizontalidade, transparência, fluidez, flexibilidade, autonomia, criatividade, fim das contradições e determinações da esfera real da sociedade. Um mundo das redes e mediações que aboliu todas as barreiras políticas, culturais e econômicas.

No entanto, o autor marca como essa nova realidade continua a operar com relações de poder e exclusão que se reproduzem, através da determinação da esfera estrutural de nossa sociedade capitalista, o que chamamos de *contaminação entre real e virtual*: "Ora, a experiência histórica mostrou que as redes de comunicação não apenas ligaram os homens, elas também frequentemente aumentaram as desigualdades de desenvolvimento entre as economias, as sociedades e as culturas." (MATTELARD, 2006, p. 155). Chega a falar também da figura de um novo "info-pobre-excluído" (MATTELARD, 2006, p. 148) gerado especificamente em nossa era, e ainda que "a sociedade das redes

ISSN 2318-4051

está longe de ter colocado um fim ao etnocentrismo dos tempos coloniais" (MATTELARD, 2006, p. 173)[7]. Ou seja, em vários sentidos, podemos falar de uma reprodução, em outro nível, dos conflitos que temos "além" redes.

Wolton (2007.p. 25), vai para a mesma direção. Para definir a ideologia que circunda a sociedade da informação, cunha o interessante conceito de ideologia tecnológica que:

> É multiforme, algumas vezes mais visível nos discursos e na mídia do que nos livros. Em todo caso está onipresente no espaço público há mais de duas décadas, sempre com essa tripla dimensão: o avanço técnico é sinônimo de progresso, principalmente no âmbito da comunicação [e diríamos: da educação]; é imprescindível adaptar-se, pois estamos atrasados; qualquer crítica é sinônimo de medo das mudanças e de defesa dos arcaísmos. Eis alguns títulos recentes que remetem a esse "reencantamento do mundo" possível através das novas tecnologias de comunicação

Da mesma forma que Mattelard, destaca o distanciamento entre, de um lado, o ideário de mundo sem barreiras, que afirma, por exemplo, que

> a fartura está disponível a todos sem hierarquia, nem competência, com a ideia de que se trata de um espaço transparente [... onde] as novas tecnologias adquiriram uma dimensão social: elas representam um pouco 'uma nova chance' para todos aqueles perderam a primeira. As novas tecnologias são, como uma figura de emancipação individual, uma nova fronteira. (WOLTON, 2007, p. 86 e 87)

E as reais barreiras (culturais, econômicas e políticas) que continuam e se renovam na globalização neoliberal, terreno da sociedade da informação. O mundo virtual online seria incompreensível sem uma necessária contaminação do real e suas estruturas contraditórias e desiguais:

> O dado só existe após ter sido construído, ele é então arbitrário e reflete diretamente uma relação com o real, quer dizer, uma escolha. [...] A maneira de construir a informação, de a apresentar, de prever os meios de acessá-la, não é universal, ela está ligada aos esquemas culturais (WOLTON, 2007 p. 92 e 97).

Ou mesmo: "Não há rede sem ordem, sem escolha, ainda que seja exatamente a ideia de uma ausência total de direção, de organização, de hierarquia que seduz nas redes da informática" (WOLTON, 2007, p. 137).

[7] Altbach (2014) em recente artigo aponta para o risco dos MOOCs, formato de educação aberta online e massiva, se tornarem uma política neocolonialista (termos dele). O autor mostra que a maioria absoluta das tecnologias, provedores, conteúdos e o formato pedagógica são produzidos nos países ocidentais centrais, com destaque os EUA, ameaçando outras tradições acadêmicas e nações periféricas.

Recente pesquisa da McKinsey & Company desmistifica com dados dos dias de hoje a ideia de aldeia global da informação através da internet e das NTICs: 4,4 bilhões de pessoas estão offline, ou seja, estão, de forma geral, *fora* do ciberespaço-cultura, seja por falta de incentivos, infraestrutura, condições financeiras ou domínio intelectual. Proporcionalmente países não desenvolvidos possuem as maiores taxas de pessoas offline. No entanto, em termos absolutos, países ditos emergentes, como Índia e China estão no topo. No Brasil, são quase 100 milhões de pessoas sem acesso à internet. Enquanto em países centrais, como EUA[8], possuem mais pessoas offline que muitos países africanos como o Egito. Demonstrando assim forte desigualdade interna aos países também.

Já no último relatório da ITU (União Internacional das Telecomunicações), percebemos uma profunda permanência ao decorrer dos últimos anos da porcentagem de casas com internet entre os países segundo o nível de desenvolvimento (ITU, 2014, p. 11): os mais desenvolvidos passaram da faixa dos 40% em 2005 para se aproximar dos 80% na estimativa de 2014; já os em desenvolvimento não chegavam a 10% em 2005 e só agora alcançaram os 30%; os não desenvolvidos não saem dos 5%.

A educação, obviamente, ganha força no discurso ideológico da sociedade da informação, pois assume ares de força produtiva e inclusiva maior. Numa era pós-industrial, numa economia da informação e criatividade, a educação seria o determinante da posição social por excelência, dos sujeitos e países. O ciberespaço-cultura organizariam comunidades inteiras baseadas na interação informacional e comunicação para além dos limites geográficos e temporais; sociedades "aprendentes" frente a enormes quantidades de dados facilmente disponíveis e compartilhados constantemente.

No nível da gestão, da docência-didática, da comunicação, do currículo etc. vemos radicais reestruturações a partir da integração com essa nova realidade. A educação a distância (EaD) online é, a nosso ver, o fenômeno mais marcante e estruturado, que se consolida, sobretudo, nos níveis educacionais superiores.

A escola (ou instituições educacionais formais, como a universidade) vai se desconfigurando como espaço central da educação, local que ocupava desde o advento da sociedade moderna capitalista. Autores como Vitale (2007), se referindo à educação superior especificamente, cunha a interessante expressão despresencialização. Já Sibilia (2012) fala do "conflito" institucional entre os muros escolares (em crise) e as redes informáticas (em ascenso), acompanhado das novas formas de sociabilidade, poder e subjetivação no capitalismo contemporâneo.

Mas seria possível encontrar continuidades (ou, como dissemos, contaminações) na EaD entre o ciberespaço-cultura e o real, no que diz respeito à reprodução das desigualdades e hierarquias sociais? Acreditamos que sim, e dedicaremos esse final de sessão e a outra para sua justificação.

Em primeiro lugar, há um real entrelaçamento entre possibilidade de acesso e utilização do ambiente virtual e posição social. Além de se encontrar num registro simbólico dominante. Isso acabamos de ver.

Wolton (2007, p. 135) enfatizará que a tecnologia por si só resultará falha na construção de comunicações que de fato gerem conhecimento se seus usuários não possuírem os domínios e competências culturais necessárias para lidarem com a mesma. Ou seja, se tornará uma barreira - como vemos claramente na questão do analfabetis-

[8] Paradoxalmente, segundo a mesma pesquisa, os EUA possuiriam as menores barreiras de acesso à internet.

mo/alfabetização digital. O conhecimento, as práticas educacionais, continuam a exigir tempo, processos, interações e comunicações diversas: "não se pode por si mesmo acessar diretamente o conhecimento. É preciso tempo, muito tempo, e as novas tecnologias fazem sonhar que é possível economizá-lo" (WOLTON, 2007, p. 136).

Da mesma forma, o interesse de mercado dos capitais ligados ao negócio da educação (como diz a OMC: "serviços educacionais"), mais propriamente da modalidade EaD, em nível global, diminui a centralidade de sua função inclusiva para um função de sustentação econômica desses capitais. Corroboram Vitale (2007, p. 44) ao dizer que: "la necesidad de aumentar las escalas de prestación de servicios educativos por parte de las megauniversidades es uno de los motores centrales del proceso de despresencialización global". E Corbucci (2014), ao analisar o caso do setor privado de educação superior brasileiro e notar seu interesse em regiões e populações capazes de pagar seus serviços (independentemente da demanda "social" de outras regiões) - reforçando o viés reprodutor da educação e criando barreiras para o acesso aos ainda excluídos do sistema educacional.

4. Limites da EaD online no Brasil segundo alguns dados e pesquisadores nacionais

Viu-se rapidamente que muitos engodos encobrem a dita sociedade da informação, e estes penetram na realidade da EaD - um dos elementos chaves desse cenário. Vejamos agora um pouco da realidade nacional a título de ilustração e fortalecimento dessa impressão.

O Brasil, na última década, destacou-se pelo crescimento econômico e diminuição da desigualdade em diversos aspectos. A escolaridade em geral aumentou, mesmo que os últimos níveis ainda apresentem fortes gargalos, e a qualidade e equidade como um todo se mostrem em grande parte um problema grave.

O acesso às NTICs e internet também se campliou muito, mas se vê nos atuais dados do Comitê gestor da internet no Brasil (2013, p. 166) nítidas desigualdades, no caso, de região e renda. Proporção de domicílios com computador da classe A é de 98%, enquanto da C, D e E juntas ficam na faixa dos 50%. A maior desigualdade entre regiões está na relação Sul (58%) e Norte (32%). Se comparado com os dados de acesso a internet, do mesmo estudo, segue-se a mesma tendência, no entanto, levemente mais desigual. Também merece destaque o fato de pessoas mais jovens e com alta escolaridade ser o grupo com maior participação proporcional na internet.

A EaD, vista como alternativa de interiorização do sistema educacional, potencializando o processo de democratização em curso hoje no país, apresenta as seguintes características gerais segundo a recente legislação (Decreto nº 5.622) e o último Censo da Educação Superior do INEP (2013):

- presença majoritária na educação superior, além de cursos livres e corporativos (não reconhecidos);
- predominância do setor privado;
- em média 15% das matrículas do nível superior, com fortíssimo crescimento nos últimos anos;
- modelo baseado em ambientes virtuais de aprendizagem com polos e encontros presenciais obrigatórios em algumas ocasiões;
- divisão do trabalho pedagógico baseada no sistema de tutoria;

- está presente, legalmente, na modalidade presencial (possibilidade de 20% do curso);

- predominância da licenciatura, e forte presença do tecnológico.

Quais resultados apresentam a EaD segundo pesquisas nacionais? Tem se conseguido alterar o quadro desigual da educação superior em nosso país, quantitativa e qualitativamente? É uma efetiva alternativa de inclusão e democratização?

Em recente estudo do IPEA, Corbucci (2014) analisa a evolução do acesso à educação superior entre jovens de 18 a 24 anos, no período entre 2000 e 2010 e mostra que, apesar de o Norte e o Nordeste terem crescido a taxa de jovens na educação superior com mais intensidade, não houve alteração de posições entre as regiões[9]. Usando dados do Censo (IBGE) mesmo em 2010, mostra que a taxa de jovens brancos com per capita mais de 5 sm nesse nível é 25 maior que jovens pretos de até meio sm.

Para Santos (2008, p. 26-27):

> [...] se por um lado a EaD está atendendo ao aumento da demanda de cursos e vagas nas IES's brasileiras, por outro, a expansão, no que se refere a perspectiva da democratização pela descentralização nos aspectos regionais e no processo de interiorização, não está se efetivando, uma vez que a educação superior presencial se faz presente, em maior escala, nas regiões consideradas de melhor poder aquisitivo, quais sejam sul e sudeste, e a modalidade a distância segue a mesma tendência.

Em outro estudo de Santos (SANTOS; NOGUEIRA, 2012, p. 236), vemos que a distribuição da oferta da UAB, principal programa de EaD do poder público, pelas regiões do Brasil não acompanha a necessidade de formação docente da educação básica - público-alvo do programa. A região Norte, tem a segunda maior demanda, mas a segunda pior oferta.

E podemos acrescentar que ao se centrar nas NTICs, a EaD nacional já delimita de forma muito excludente quais regiões e grupos sociais possuem acesso e habilidades para lidar com tal modalidade.

Em relação à predominância do privado, ratificamos a mesma crítica que fizemos na sessão passada. Apenas incluímos também que, numa lógica de mercado (custo x benefício), a oferta de curso muitas vezes se descola da real necessidade de tal certificação no mercado de trabalho. A preferência por ofertar cursos "baratos" nas redes privadas é um problema bastante conhecido.

Do ponto de vista qualitativo, autores como Giolo questionam a não centralidade das interações presenciais no processo formativo - mesmo estas constarem em algumas ocasiões na regulamentação da EaD no Brasil -, mais propriamente nas licenciaturas:

> A atividade docente, na sua já longa trajetória, construiu uma cultura e uma malha institucional onde ela se dá: o seu habitat. A escola, a academia, a universidade foram concebidas e constituídas como espaços e tempos específicos para o exercício do ensinar e do aprender. [...] Estes espaços são de socialização, de vida

[9] As taxas de 2010 nessas regiões se aproximam das taxas de 2000 das regiões mais ricas. Pela variável renda, a taxa na população mais rica já está num patamar dos países mais ricos.

ISSN 2318-4051

> política, de confluência de muitas expectativas. [...] Considerar que esse lócus pode ser desprezado como parte fundamental da formação dos jovens, especialmente dos que pretendem se preparar para a atividade docente, é um erro colossal. Os intercâmbios virtuais são, sem dúvida, importantes, assim como o aprendizado (aquisição de conhecimentos) orientado a distância pode ser bem sucedido e é importante. Contudo, o que está em pauta, quando se trata de cursos de formação de professores a distância, não é exatamente a formação de professores para a docência a distância, mas para a docência presencial.

Essa problemática da presença/ausência na EaD nos parece uma temática central. Zuin (2006) e Sousa (2005) apontam para o risco das NTICs servirem não para aproximar, mas para a manutenção da distância, o que Sousa chama de "economia da presença" - uma preferência pelo uso das redes frente à interação real. Já Machado (2010) busca refutar a ideia de ausência em ambientes virtuais de aprendizagem e constrói, através de suas pesquisas, a noção de "presença social" (aportada na ideia de comunidade virtual). Eis aqui um desafio enorme que é redefinir o papel e importância da presencialidade nos processos de socialização contemporâneos e mais especificamente na educação, em sua efetividade e equidade.[10]

5. considerações finais- Após a desmistificação, o que nos sobra?

Na análise da sociedade da informação a partir dos autores e dados discutidos observados graves distorções entre seu nível ideológico e seu nível real. Esse nos parece ser o primeiro contorno realista que devemos assumir para uma sociologia crítica da educação a distância. A contaminação entre as estruturas desiguais do real e o ciberespaço/cultura é algo importante de se considerar e aprofundar.

No panorama da EaD no país também foi possível desmitificar sua pretensão inclusiva que, por diversos fatores, não vem se efetivando.

No entanto, essa desmistificação dos apologistas e acríticos em relação à EaD e seu contexto é apenas um lado da moeda. Se a EaD é apontada como uma nova era de oportunidades e equidade educacionais em seu discurso ideológico, não podemos esquecer da primeira lição da sociologia da educação em sua vertente crítica: as barreiras e distâncias que o próprio presencial encerra, responsável pela reprodução das posições sociais hierarquizadas. A defesa da presencialidade em si corre o risco de desconsiderar

[10] O grande teórico das redes, Castells, nos parece dúbio nessa questão. Apesar de levantar a "virtualidade real", também comenta (2013, p. 486-7): "escolas e universidades, paradoxalmente, são as instituições menos afetadas pela lógica virtual embutida na tecnologia da informação, apesar do uso previsível quase universal de computadores nas salas de aula dos países desenvolvidos. Mas elas não desaparecerão no espaço virtual. No caso de escolas de ensino fundamental e de ensino médio, isso não ocorrerá porque são centros de atendimento infantil e/ou repositório de crianãs na mesma proporção em que são instituições educacionais. No caso de universidades, porque a qualidade da educação ainda está, e estará por um longo tempo, associada à intensidade da interação pessoal. Por conseguinte as experlências em larga escala de "universidades a distância", independentemente de sua qualidade (má na Espanha, boa na Grã-Bretanha), parecem posicioná-las como uma segunda opção em formas de educação, desempenhando papel significativo em um futuro sistema aperfeiçoado de educação de adultos, mas não como substitutas das atuais instituições de educação superior".

esse aspecto, além da possibilidade da EaD ser um instrumento transformador em determinados contornos e limites. Tornando-se assim apenas num fetiche.

Isso quer dizer que não podemos cair na apologia pura e simples da EaD, elemento mais visível de uma postura não crítica, mas também o romantismo e nostalgia de uma presencialidade "boa" por si só é danosa e anacrônica. Aliás esse próprio presencial já é atravessado pelos ambientes virtuais, como listas de emails, chats etc. E em vários sentidos o ciberespaço-cultura possuem e permitem a existência de uma nova sociabilidade que já contém bilhões de pessoas e impactam no mundo "presencial" - numa contaminação dialética.

Nessa problemática cabe um esforço muito mais elaborado entre diversas áreas como a sociologia da tecnologia, a antropologia do ciberespaço-cultura, a didática e psicologia da aprendizagem, a teoria sociológica contemporânea mais geral, dentre outras, para subsidiar a fundamentação dessa sociologia crítica da educação a distância, notando estruturas, contradições e possibilidades radicais para o cenário sócio-educacional que está renovado, mas ainda marcado pela reprodução e exclusão.

Referências

ALTBACH, P. G. MOOCs as Neocolonialism: Who Controls Knowledge? **International Higher Education**. n. 75, Spring, 2014. pp. 5-7.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: UFMG, Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BRASIL. **Decreto n. 5.622**, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** - A era da informação: economia, sociedade e cultura. V. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil:** TIC domicílios e empresas 2013. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014.

DEROUET, J. L. A sociologia das desigualdades de educação numa sociedade crítica**. Sociologia, Problemas e Práticas.** 2004, n.45, pp. 131-143.

FAINHOLC, B. **Fragmentos de Programas, profesores y estudiantes virtuales:** una sociología de la educación a distancia. Santillana, Buenos Aires, 2009.

GIOLO, J. A educação à distância e a formação de professores. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 105, p. 1211 1234, set./dez. 2008.

HEY, A. P. **Esboço de uma sociologia do campo acadêmico:** a educação superior no Brasil. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

INTERNATIONAL TELECOMMUNICATION UNION. **Measuring the Information Society - Report 2014**. Livro eletrônico. 2014.

INEP/MEC. **Resultados Censo da educação superior 2013**. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/. Acesso em: 23 nov. 2014.

MACHADO, G. J. C.. Haveria de existir sentimento de presença nos ambientes virtuais de aprendizagem?. In: _____. (Org.). **Educação e Ciberespaço:** Estudos, propostas e desafios. Aracaju: Virtus Editora, 2010, v. , p. 236-254.

MARTINS, C. B. Encontros e desencontros da sociologia e educação no Brasil. **Rev. bras. Ci. Soc**., São Paulo , v. 18, n. 53, Out. 2003.

_____. Estudos Sociológicos sobre Educação no Brasil: comentários críticos. **O que ler na Sociologia brasileira 1970 - 2002**. São Paulo: Sumaré, 2002, v. IV.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MCKINSEY & COMPANY. **Offline and falling behind:** Barriers to Internet adoption. Livro Eletrônico. 2014.

SANTOS, C. A. **A expansão da educação superior rumo à expansão do capital:** interfaces com a educação a distância. 2008. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____.; NOGUEIRA, D. X. P. Federalismo e formação na EaD: colaboração e sobreposição de competências entre os entes federados. **Retratos da Escola**, v. 6, p. 227, 2012.

SIBILIA, P. A escola no mundo hiper-conectado: Redes em vez de muros?. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, p. 195-211, 2012.

SOUSA, C. A. L. **ONGs e Internet**: Da Ação Educativa e Política no Lugar ao. Ciberespaço. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia)- PUC-SP, São Paulo, 2005.

VITALE, C. R. La despresencialización de la educación superior en América Latina: ¿tema de calidad, de cobertura, de internacionalización o de financiamiento? **Apertura**, vol. 7, n. 6, nov., 2007, pp. 32-49.

WOLTON, D. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ZUIN, A. A. S. Educação a distância ou educação distante?: o Programa Universidade Aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual. **Educ. Soc**., Campinas, v. 27, n. 96, p. 935-954, out. 2006.